

Diário de campo e entrevista

O Diário de Campo pode ajudar a recuperar a memória, registros e o levantamento documental de uma experiência vivenciada. Resumiremos, a seguir, alguns pontos importantes que não podem faltar num bom Diário de Campo:

- **Informações gerais:** Anotar, logo no início da página, alguns dados gerais, como data, lugar onde se realiza a observação e a hora do acontecimento.
- **Cuidados com a descrição:** É bom fazer uma descrição do que se observou e não apenas do que aconteceu. Anotar, na medida do possível, tudo o que se considerar conveniente para se compreender o que se passou: ambiente físico e socioeconômico; aspectos relativos ao perfil das pessoas envolvidas: linguagem utilizada, forma de se vestir, idade.
- **A explicitação de interpretações:** Buscar explicitar interpretações críticas do fato ou das ações, identificando causas, evolução e possíveis consequências.
- **A explicitação de dúvidas e perguntas:** Anotar dúvidas e perguntas para esclarecimentos ou para eventuais descobertas que ainda possam ser feitas refletindo-se sobre o assunto.
- **Algumas observações finais:** Não deixar as anotações nunca para depois e não usar o Diário de Campo para outras anotações pessoais. Num processo de acompanhamento a uma experiência da economia solidária, não será necessário, toda vez, anotar tudo o que se listou acima. Nas primeiras vezes, será conveniente anotar mais coisas; depois bastará acrescentar eventuais novos aspectos.

A entrevista semiestruturada pode ser utilizada tanto no trabalho de campo como na fase da construção de narrativas interpretativas da experiência. É chamada “semiestruturada”, porque prevê somente um núcleo de perguntas abertas, capazes de estimular respostas, que – por sua vez – exigirão do(a) entrevistador(a) a capacidade de formular novas perguntas, não previstas antes da entrevista. Afinal, quem fizer a entrevista deverá desenvolver a boa habilidade de dirigir perguntas impossíveis de serem previstas.

Esse tipo de entrevista é diferente daquele que contempla perguntas fechadas, todas formuladas anteriormente, podendo ser subsidiadas por um questionário escrito.

Um primeiro desafio, para quem fizer a entrevista, é ajudar a compreender que não se trata de um interrogatório, mas de uma oportunidade que as pessoas entrevistadas passam a ter para expressarem não apenas seus conhecimentos e opiniões, mas também seus sentimentos e saberes, isto é, como sabem fazer “o pão” e outros produtos de seu trabalho ou meio de sobrevivência; como convivem com os vizinhos, como educam os filhos; como se divertem. Os conhecimentos, opiniões, sentimentos e saberes a serem explicitados deverão se relacionar com os objetivos da sistematização.



Tabelas, Planilhas e Quadros Demonstrativos

Estes são instrumentos que servem para se tecer análises críticas da experiência vivenciada, de acordo com os aspectos que se queira priorizar: socioeconômico, socioambiental, produtivo, de comercialização. Trata-se de instrumentos que favorecem a organização e o cruzamento de informações. Podem ser montados no início do processo de sistematização e aprimorados no andamento, a depender das informações coletadas e das análises pretendidas.

As planilhas ou tabelas são utilizadas como instrumentos para registro e organização de informações diversas, durante o “trabalho de campo”, contribuindo no apoio à sistematização de conhecimentos e saberes presentes na experiência. Existem dois tipos de tabelas ou quadros demonstrativos:

- **Tabelas de uma entrada:** Evidenciam informações distintas e complementares. Por isso, a entrada pode ser horizontal (em linhas) ou vertical (em colunas). São as mais simples de serem construídas.

Exemplo de tabela de uma entrada:

Apoio de uma Instituição a Organizações Populares

Organizações populares apoiadas	Período (desde... até...)	Formas de apoio e de acompanhamento	Resultados esperados	Resultados alcançados



• **Tabelas de duas entradas:** Favorecem o cruzamento de informações entre linhas e colunas, que devem ser inter-relacionadas no processo do trabalho de campo e de interpretação da experiência. Apresentam uma entrada vertical e outra horizontal. São mais complexas e exigem maiores cuidados em sua formatação, preenchimento e análise interpretativa.

Exemplo de tabela de duas entradas:

Entradas e Saídas de Trabalhadores(as) de um Empreendimento

EQUIPES	NOMES	TEMPO DE CASA			MOTIVO DA SAÍDA
		ENTRADA	SAÍDA	TEMPO DE PERMANÊNCIA	
EQUIPE DA MATA					
EQUIPE DO AGRESTE					
EQUIPE DO SERTÃO					
EQUIPE ADMINISTRATIVA					



As planilhas, quadros demonstrativos ou tabelas oferecem muitas vantagens:

- Elas ajudam a colher dados de forma concentrada e sintética, evitando longas descrições: condensam informações e textos.
- Facilitam a inter-relação e análise de dados relacionados com várias dimensões: cronológica, econômica, política, cultural, socioambiental.
- Favorecem o confronto de informações.
- Propiciam a classificação e sistematização de dados.
- Auxiliam no processo pedagógico de aprendizagem.
- Contribuem na construção de análises e sínteses.
- Facilitam uma rápida visualização de informações.
- Facilitam uma maior agilização na localização e uso de informações coletadas.

Apesar das vantagens, as tabelas podem ter limites, decorrentes de sua construção ou do uso incorreto das informações ou do cruzamento que oferecem. Em síntese, podemos ressaltar dois limites:

- Não isentam da necessidade de fazer uma análise qualitativa e mais completa dos dados coletados.
- Se as planilhas não forem bem montadas, pode correr o risco de fragmentação, do uso departamentalizado das informações e da inadequação dos cruzamentos propostos. Esse último limite se refere principalmente às planilhas de duas entradas.
- A construção de planilhas e tabelas é uma arte que se aprende aos poucos. Vale à pena explicitar algumas recomendações básicas que devem ser levadas em conta na hora de construí-las:

- **O título** deve auxiliar o leitor a compreender rapidamente o foco dos conteúdos do quadro demonstrativo.

- **Notas de rodapé** devem ser utilizadas visando explicações relevantes e necessárias para a compreensão das informações visualizadas.

- Para evitar o risco de fragmentação dos dados, principalmente para as tabelas de duas entradas, é aconselhável que as tabelas sejam sempre acompanhadas pela sinalização de uma breve **leitura interpretativa**, que contribua na análise integrada dos dados que aparecem cruzados entre colunas e linhas.



Iconografias

A busca de uma imagem unificadora – ícone ou iconografia – pode gerar outra ferramenta interessante. Um exemplo é o método do “Trem da Sistematização”, que apresentamos no início do Caderno. Algumas recomendações:

- **Escolher uma imagem que dialogue com a linguagem e o cotidiano das pessoas** diretamente envolvidas na experiência a ser sistematizada: Com agricultores(as), por exemplo, poderá ser mais conveniente usar a imagem da terra ou outra ícone da vida rural: uma planta, uma casa como aquela onde eles moram. A definição da IMAGEM deve ser quase que um diagnóstico do imaginário coletivo.
- **Explorar todas as possibilidades que a imagem possa oferecer:** Procurar encontrar o significado que, por exemplo, numa árvore, possa ser atribuído às raízes, aos galhos, ao tronco. Não deixar nada de fora.
- **Assegurar a construção coletiva de todos os passos da iconografia** acerca do saber coletivo sobre a experiência a ser sistematizada, desde sua escolha e idealização até sua construção manual e interpretação final. Todos serão convidados(as) a “meter a mão na massa” para recortar e colar o papel que vai virar o telhado da casa, para escrever as tarjetas que serão afixadas em cima de cada ponto do retrato até a discussão acerca do significado de cada símbolo.
- **Assegurar a manutenção do foco** da sistematização dentro da construção de sua interpretação, evitando que a imaginação suscitada pela iconografia afaste as pessoas da experiência de referência.



Mapa territorial

Os mapas territoriais, com suas várias vertentes e temáticas, são ferramentas recomendadas, sobretudo, na fase da visão diagnóstica de um plano de sistematização. Um mapa territorial mais geral poderá se desdobrar em várias temáticas ou mapas específicos. Por exemplo, mapas que apresentem as dimensões do Desenvolvimento Solidário Sustentável e Territorial: ambiental, social, cultural, econômica e política. Ou, ainda, outros mapas como:

- mapa de recursos naturais
- mapa da comunidade
- mapa de uma propriedade
- mapa de fluxos econômicos
- mapa da migração
- mapa da situação futura

Os mapas podem ajudar a reconstruir o contexto da experiência e a apontar os impactos socioeconômicos e ambientais que foram gerados pela experiência. Essa ferramenta pode, a partir desses dados, favorecer a projeção de novos passos ou de seu redirecionamento estratégico da experiência.

Para cada dimensão acima lembrada, poderá ser desenhado um mapa específico, por várias equipes ao mesmo tempo ou pela mesma equipe em tempos diferentes. Para confeccionar tais mapas, pode ser utilizado o material mais simples possível: folha grande de papel, lápis, pincéis, giz de cera ou qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes), no chão.

Algumas sugestões do que pode ser localizado num mapa:

- **De recursos naturais:** Rios, estradas, limites da comunidade. Além disso, poderão ser incluídas outras sinalizações: canais de irrigação, vegetação e tipos de solos.
- **Da comunidade:** Poderá visualizar a distinção entre zona urbana e zona rural.
- **De uma propriedade:** Poderá apontar a terra dos agricultores e as terras dos grandes fazendeiros, evidenciando as diferenças.



- **Da migração:** Poderá mostrar entradas e saídas de um território feitas pelos(as) participantes da sistematização, fazendo um gráfico. Indicará de quais lugares vieram as famílias que moram na comunidade atualmente. Evidenciará, também, para onde foram várias famílias que moravam na comunidade há muito tempo. Será conveniente explicitar os motivos das saídas e das entradas.



- **De Fluxos Econômicos:** podem ser identificados vários mecanismos de gestão utilizados para a entrada e saída de dinheiro, os insumos e matérias-primas utilizadas para o trabalho. Pode-se identificar quanto vai para fundos coletivos, quais fundos existem, quais os consumidores, os fornecedores. Num fluxo econômico pode também ser mostrado como se realiza a formação dos preços dos produtos e outros circuitos de recursos.

- **Da Situação Futura:** terá a finalidade de gerar uma discussão acerca das ameaças e oportunidade no futuro. Para isso, valorizará bem as informações postas nos mapas anteriores e acrescentará outras projeções. Esse mapa instiga à projeção futura diante de ameaças e oportunidades e, perante isso, a sistematização pode ajudar a pensar quais as diferentes opções dos grupos ou comunidades.

É conveniente que a confecção de cada mapa possa se apoiar em algumas perguntas previamente formuladas. Por exemplo: Onde a gente joga o lixo atualmente? Como gostaríamos que esse terreno fosse usado no futuro?

Para realizar em grupo:



- Escolher um dos mapas sugeridos acima e construí-lo junto com o grupo que está fazendo o estudo deste Caderno.
- Produzir uma iconografia que represente a experiência de fazer o estudo sobre sistematização em grupo.

Concluindo: unidade na diversidade

Os referenciais que apresentamos principalmente na primeira parte deste Caderno de Formação são fruto das distintas caminhadas daquelas(es) que participaram dos projetos Brasil Local e CFES Nacional. Esses referenciais expressam a busca pelo fortalecimento das organizações populares e da luta pelo projeto da Economia Solidária. O desafio que se colocou na trajetória dos dois projetos, que é o desafio da própria Economia Solidária, está na possibilidade de que nossa unidade cresça cada vez mais, em torno de propostas para uma sociedade justa e solidária. E uma estratégia para consolidarmos o projeto de desenvolvimento solidário, sustentável e territorial está em continuarmos gerando uma diversidade de práticas e vivências da Economia Solidária.

Em nossa concepção político-pedagógica, a diversidade é uma exigência para evitarmos que a “padronização modernizadora” nivele tudo a uma única alternativa, levando a uma hegemonia castradora. É uma exigência também para assegurar a concretização do princípio ecossustentável: quanto mais diversidade, mais complexidade, mais possibilidades de desenvolvimento! Se essas afirmações forem assumidas também no trabalho de sistematização, poderemos caminhar para assegurar processos de convergência que tenham como base nosso Projeto Político-Pedagógico, no qual a autogestão e a educação popular são nossas referências.

A experiência dos projetos Brasil Local e os CFES Nacional, que foram implementados pela Cáritas Brasileira no período de 2009 a 2012, nos permite indicar outros desafios que encontramos quando nos propomos a sistematizar experiências:

- **Reconstruir a sistematização de forma que não se encaixe no sistema hegemônico:** Trata-se de assegurar a implementação de uma sistematização processual, que não aconteça somente ao final de uma experiência. Uma sistematização voltada para a socialização primeiramente para quem é da própria experiência sistematizada. Que o trabalho de sistematizar tenha um foco bem definido, capaz de gerar, com novas sistematizações, sempre novos focos. Afinal, é o desafio de unir trabalho com educação, trabalho com política: o desafio de articular saberes.
- **Refletir criticamente sobre o trabalho na Economia Solidária:** Na Economia Solidária, muitas vezes estamos no nível da luta pela sobrevivência e a sistematização fica parecendo um sacrifício. Parece algo além do trabalho cotidiano, que já é muito intenso e com baixa remuneração. Alcançar condições em que o trabalho e a reflexão crítica estejam no mesmo chão e sejam realizados por todas(os) as(os) trabalhadoras(es): esse desafio é da própria Economia Solidária.
- **Contribuir para a sustentabilidade dos empreendimentos:** A sistematização é uma ferramenta que precisa contribuir para a sustentabilidade dos empreendimentos, à medida que as(os) trabalhadoras(es) se apropriarem de seu trabalho e identificarem os próximos passos do projeto que estejam gestando.
- **Sistematizar considerando demandas, tempos e condições para realizá-la:** Quais recursos temos para garantir a sistematização? Como vamos utilizá-los? Há recursos para garantir o apoio de um(a) educador(a) externo à experiência para apoiar na sistematização? Como os empreendimentos podem fazer a sistematização no decorrer de suas atividades? Como realizar atividades de formação que contribuam com esse processo?

- **Transformar nossa vivência de cultura oral em efetiva sistematização de experiência:** No Brasil, temos uma cultura predominantemente oral, pois o processo de alfabetização é recente. Como vamos transformar essa nossa vivência de oralidade em sistematização?
- **Refletir criticamente sobre a prática pessoal e a dos outros, para fazer vir à tona o novo.**
- **Definir os princípios orientadores que possam garantir a base para nossos trabalhos, a partir da prática de cada indivíduo e coletiva.**

Esperamos que as ações dos projetos Brasil Local e CFES Nacional tenham contribuído para consolidarmos a economia solidária, a partir das experiências vivas, de prática e reflexão. Desejamos que a unidade e a diversidade caminhem juntas, tanto na Rede Cáritas como em todas as instituições, organizações e movimentos comprometidos com um mundo justo e solidário.



Para saber mais sobre sistematização de experiências

Listamos, a seguir, livros e documentos consultados para a elaboração deste Caderno que poderão servir para estudos e aprofundamentos do tema.

AS-PTA, PATAÇ, Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema, Coletivo Regional Cariri, Curimataú e Seridó Paraibano. **Cordel do Fundo Solidário, Gerando Riquezas e Saberes**. Campina Grande, 2011.

BERTUCCI, Ademar de Andrade; SILVA, Roberto Marinho Alvez [Org.] **20 Anos de Economia Solidária – Trajetória da Cáritas Brasileira: dos PACs às EPS**. Brasília, 2003. 1ª edição.

CÁRITAS Brasileira. **Revista Prêmio Odair Firmino de Solidariedade 2010**. Brasília, 2011.

CÁRITAS Brasileira. **Sistematização de experiências em Economia Solidária: referenciais comuns, práticas diversas**. Consolidação das conclusões do Seminário Nacional sobre Sistematização – 2º Módulo, realizado pelo Centro Nacional de Formação em Economia Solidária, de 25 a 29 de abril de 2011, em Brasília.

CENTRAL Única dos Trabalhadores. **Projeto de Sistematização – Um ato de criação política e de conhecimento**. Caderno 2: Secretaria Nacional de Formação CUT, São Paulo: 2000.

CENTRO de Assessoria Multiprofissional. **Relatório Final – Sistematização de Experiências de Formação para a Capacitação em Economia Solidária no Rio Grande do Sul**, Porto Alegre: CAMP, 2007.

CORCIONE, Domenico. **ONGs: Repensando Sua Prática de Gestão, Planejamento, Monitoramento, Avaliação e Sistematização**. São Paulo: ABONG, 2007.

FALKEMBACH, Elza. **Sistematização, uma arte de ampliar cabeças**. Brasília: 2008. Seminário Nacional de Sistematização e Publicização Convênio MTE/SPPE/CODEFAT n. 004/2007.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: UFPB/ Equip, 1996.

SANTOS, Ailton Dias dos. **Sistematização de Experiências em Economia Solidária**. Brasília: Instituto Marista de Solidariedade, 2009. Caderno 2, Série Ecosol.

SANTIBÁÑEZ, E.; M.E. CARCAMO. **Manual para la sistematización de proyectos educativos de acción social**. Santiago-Chile: CIDE, 1996.

SOUZA, João Francisco. **Sistematização, um instrumento pedagógico nos projetos de desenvolvimento sustentável**.

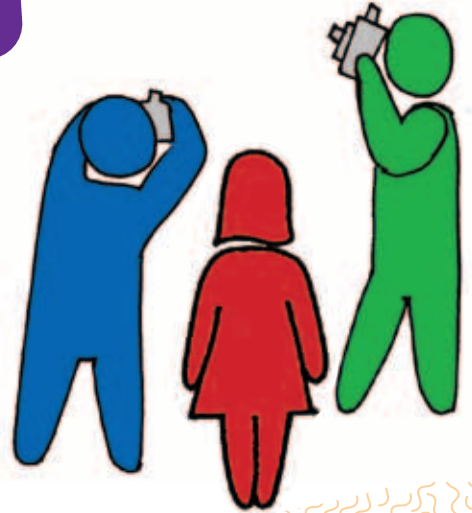
VERDEJO, Miguel Exposito. **Guia Prático de Diagnóstico Rápido Participativo**. Brasília: MDA, 2006.



Páginas na internet

- Brasil Local: <http://brasillocal.org.br>
- Cáritas Brasileira: www.caritas.org.br
- Centro Nacional de Formação em Economia Solidária – CFES Nacional: www.cirandas.net/cfes-nacional
- Conselho de Educação de Adultos da América Latina: <http://www.ceaal.org/>
- Fórum Brasileiro de Economia Solidária: www.fbes.org.br
- Secretaria Nacional de Economia Solidária: http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/secretaria_nacional.asp

Galeria de Fotos









Realização:



Parceria:



Entidades parceiras do Projeto Brasil Local:



Entidades parceiras do CFES:



ICSA



Apoio:

Ministério do
Trabalho e Emprego

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

